

# O HERALDO

Director, proprietario e editor  
**JOSE MARIA DOS SANTOS ANTIGO** "JORNAL DE ANUNCIOS" TYPOGRAPHIA BUROCRATICA  
 RUA ALEXANDRE HERCULANO, 1, 8 RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7, 9

## SEPARAÇÃO DA EGREJA DO ESTADO

### UMA LEI QUE HONRA UM PAIZ

Com a lei da separação da Igreja do Estado, desde hontem tornada official pela sua publicação no *Diario do Governo*, satisfaz-se finalmente uma das mais ardentes aspirações do espirito portuguez, profundamente liberal. Impunha-se essa publicação desde que o acto revolucionario de cinco de outubro, dando aspectos inteiramente novas á sociedade portugueza, escorraçara para além fronteiras os abutres do jesuitismo, bandos de mizeraveis sem humanidade e sem patria que d'este bello paiz, á culminante vontade d'uma rainha fanatica, appeteciam fazer o confortavel ninho dos seus melhores desejos.

Desde seculos e apenas com a curta intermitencia do periodo agudo do constitucionalismo, que essa abominavel horda de tonsurados vinha preparando o terreno para a conquista do paiz, com a cynica habilidade das suas subtilezas e o traiçoeiro sorriso de refalsados designios. E tudo se constituirá prêmio das suas garras aduncas: os coroados, a corte, os mandatarios, a alta politica, o clero, a nobreza... Apenas o povo resistira sempre, intransigentemente, recusando-se a toda a especie de relações com semelhante familia de roupetas.

O clero portuguez, o abade das serras e das aldeias, out'ora tão delicadamente tocado de poesia e de bondade, até esse perdêra muito das suas sympathias pela levandade com que se deixara arrastar nas malhas de tão nociva companhia. Foi de ver a audaciosa saliência com que quasi todos os elementos da igreja, á carga cerrada, surgiram a combater o ultimo governo da monarchia, simplesmente porque esse governo se declarára abertamente liberal e se propunha extinguir os outros congreganistas do paiz.

Não, para elles ninguem tinha o direito de contrariar a omnipotente vontade da seita, como se Portugal em vez de um paiz livre e independente, geographicamente collocado á beira da Europa, fosse antes a cerca privada de um mosteiro de Loyola, apto apenas aos *parti-pris* da corja.

Claro está que tudo isto divorciava cada vez mais da igreja o estado civil e se a imminencia d'esse divorcio era já patente nos ultimos dias do velho regimen, o movimento revolucionario de cinco de outubro, fazendo triumphar a grande multidão liberal do paiz, tornou-a então verdadeiramente necessaria.

Essa separação é já hoje, finalmente, um facto consumado. Facto grandioso, facto culminante que ficará vinculado a oira nas paginas da historia, attestando o periodo florescente de uma nacionalidade e a cultura social d'um povo.

Denodados paladinos fomos nesta ardua cruzada de liberdade religiosa, sustentando-a sempre com o fogo da mais sincera convicção, e se desgostos e malquerenças essa presistente attitude por vezes nos fez merecer, ellas nos compensam se bem no intimo regosijo que nos traz esta hora solemne em que o nosso pequeno paiz, na marcha da civilização social, escolhe um dos logares mais avançados.

Publicar a lei na integra seria fa-

zer-lhe o melhor dos elogios. Na impossibilidade de o fazer, publicamos, em notas rapidas, as suas mais importantes disposições:

A religião catholica apostolica romana deixa de ser a religião official. O estado permite todas.

Ninguem pode ser perseguido por motivos de religião nem as autoridades podem perguntar a alguem qual seja a sua religião.

As injurias e offensas ao ministro de qualquer religião, quando em legitimo exercicio do seu culto, são punidas como crimes publicos.

O que procurar desviar a outrem do exercicio do seu culto, por violencia ou ameaça é punido com multa e prisão.

As irmandades, confrarias, capellas etc, podem receber os doatizos que lhes forem offertados durante os actos de culto mas já não podem receber legados, encargos pios etc.

As creanças que não tiverem exames de instrucção primaria não podem assistir ao culto publico ás boras em que deviam ter lição.

O uso das insignias, as licenças para prestação de sacramentos, enterros, procissões etc, ficam ao arbitrio da auctoridade administrativa.

Todas as cathedraes, igrejas, capellas, bens mobiliarios e immobiliarios, foros, pensões, rendas, juros, inscrições etc, ficam sendo propriedade do Estado e os inventarios d'esses bens começar-se-hão em 1 de junho.

Ficarão existindo os seminarios de Braga, Porto, Coimbra, Lishoa (S. Vicente) para o ensino de Theologia e d'esses edificios receberá o estado renda somente depois de 5 annos.

Os parochos que exerciam o culto em 5 de outubro receberão pensões conforme a idade, fortuna etc.

Acabou o pagamento de congruas ou premios, oblatas, premicias, sohejos e benesses.

Para missas, suffragios e encargos cultuaes ninguem pode dispor mais de uma 18.ª parte da sua fortuna.

As congruas em divida actualmente pertencem ao padre.

Ninguem pode deixar legados pios, encargos de missas, esmolas, etc. por mais de trinta annos e os que actualmente existem continuarão por mais dez annos se completarem trinta n'esse tempo.

Padres, ministros de qualquer religião, seminaristas e quasquer empregados do culto não podem apresentar-se mais em publico de habitos ou vestes taiares.

Os padres podem casar e se por esse motivo forem suspensos de funcções ecclesiastica o estado garantilhes a pensão.

#### RIBEIRO DE CARVALHO

As commissões municipaes e parochiaes do districto de Leiria propozeram para deputado ás Constituintes, por aquelle circulo, o nosso presado amigo Ribeiro de Carvalho, secretario particular do sr. ministro das finanças.

#### Educação Nacional

Passou a publicar-se diariamente, tornando-se uma importante folha de informação, esta antiga e muito reputada revista pedagogica do Porto, dirigida pelo sr. Antonio Figueirinhas.

O primeiro numero d'esta sua nova serie, publicado em formato grande, insere um excellente retrato do dr. Antonio José d'Almeida e traz um bom aspecto de confecção jornalística.

#### NOTICIAS DE MARINHA

Assumiu o commando interino da canhoneira *Sado*, da estação da India, o 2.º tenente sr. Macedo Ortigão.

Vae passar á situação do commissão especial o 2.º tenente da Armada sr. Manuel Alberto Soares, por estar exercendo a logar de chefe da repartição do Instituto de Soccorros a Naufragos.

#### ECHOS

##### A PRIMAVERA

Ei-la, enfim. Ha tres dias que não chove, que não venta, que não troveja, que não ha frio e que uma bendita luz de azul e ouro illumina a cidade e os campos, sacudindo-nos do torpor em que nos deixara um impertinente inverno de seis mezes. Ei-la que chega, vinda certamente pelas linhas do sul e sueste, pois que traz nada menos de que um mez de atraso a contar pelo horario da Folhinha.

E é de ver como surge risonha a natureza n'estes primeiros dias de primavera. Despindo-se do lucto com que a cobrira a esiação agreste do anno, dispersando o contacto suave d'um sol mais quente os restos dos aguaceiros que lhe tinham ensochado a tunica, a terra desentranha-se em vegetação fecunda e de esplendida magnificencia. Nos campos frondejam as louras searas e nas hortas e pomares abrem-se em soherho viço as arvores fructiferas, produzindo novos ramos, tocando-se de novas folhas e prometendo uma auspiciosa colheita de fructos. O chão veste-se de relva, nas veigas desabrocham flores e a brisa substituirá os ventos rijos do norte e do sul, ameigando suavemente os rebentos dos vegetaes.

Ei-la, enfim.

##### M. TEIXEIRA GOMES

Nem sempre o segredo é a alma dos negocios... diplomaticos. Entende-o assim o brilhante escriptor e illustre algarvio a quem foi confiada a representação official do nosso paiz em Londres e que, logo que chegou áquella capital, fez publicar em seu nome um manifesto de saudação ao povo inglez, revelando a nossa situação e os nossos desejos de reciproca cordalidade com a antiga nação aliada.

Trata-se de um caso que não é, certamente, dos habitos protocolares das chancellarias e a que talvez os rigoristas reconheçam um certo sabôr de escandalo pelo aspecto de imprevisto que o reveste; mas, seja como for, a innovação é merecedora de applauso pelo significado patriotico que a inspira e dignifica o diplomata que a fez.

##### HERALDO

Na quarta-feira suspendeu a sua publicação um diario que ha pouco apparecera em Lisboa e que para facilmente conseguir popularidade e sympathia publica resolveu adoptar o mesmo titulo do nosso semanario: *Heraldo*. A sua ephemera existencia, mais curta ainda que o d'aquellas frescas e delicadas rosas de Malherbe que não chegam a durar *l'espace d'un matin*, foi cruelmente atribulada por desastres successivos e até os proprios directores se succederam uns

aos outros com a vertiginosa rapidez das fitas cinematographicas.

Era de prevêr tão triste e rapido desenlace. *Heraldo*, em terras do continente portuguez, ha só um, authentic, legitimo, insophismavel: é o nosso. Qualquer outro que ouse a imprudencia de disputar-lhe primazias ou tente usurpar-lhe o nome universalmente conhecido e popularizado, pôde desde logo contar com os infortunios e revezes da triste sorte succumbindo á mingua de sympathia que o publico apenas dispensa ao unico, authentic, legitimo e insophismavel *Heraldo* ou seja o formidavel colosso da informação algarvia.

Temos sido alvo, n'estes vinte e oito annos da nossa brillante e radiosa existencia, de varias tentativas premeditadas de morte, umas claras como agua outras escuras como breu, mas de todas ellas temos logrado escapar illesos e com a convicção de que uma estrella de divina fulgencia guia da immensidade das alturas os nossos passos na terra.

A gazeta que suspendeu agora a sua publicação e que quiz, á sombra do nosso nome, beneficiar-se sem grande custo da aura da felicidade que disfructamos, não podia ter outro destino que não fosse a morte ingloria que a fulminou. Era dos livros.

##### "A INCONSOLAVEL"

Pertence aos interessantissimos *Dialogos do Amor*, mimosa collecção de *blouettes* em que o finissimo espirito observador de Michel Provins se revella em todo o requinte da sua graça parisiense, o lindo conto que hoje publicamos em folhetim e que propositadamente foi traduzido para *O Heraldo* pela penna brilhante de Lyster Franco, nosso presado e assiduo camarada de redacção.

##### LIMPEZA

Queixam-se de Arrayollos para o *Seculo* de terça-feira sobre os serviços do sul e sueste, informando que as encomendas não chegam no mesmo dia ao seu destino e que as saccas de assucar chegam ali molbadas e sujas, quando não rebentadas etc. etc.

Que felizes, os de Arrayollos! Ao menos ás encomendas de lá, embóra as sujem, sempre as levam ao seu destino, emquanto que ás de cá, como tem succedido varias vezes, *limpam-nas* de tal arte, que d'ellas se pode dizer com propriedade:—*adeus, minhas encomendas!*

#### DR. ANTONIO GIL

Partiu no dia 18 para Lisboa, afim de conferenciar com o sr. dr. Antonio José d'Almeida acerca de assumptos eleitoraes, o nosso presado amigo Dr. Celorico Gil.

Entre as pessoas que vimos na *gare* despedindo-se do intemerato democrata, lembram-nos ter visto os srs. Abreu Marques, Lyster Franco, Bernardo de Passos, Dr. Joaquim da Ponte, Dr. Cid, tenente Taborda, João da Uva, Virgilio Rodrigues de Passos, Celorico Drago etc., etc.

#### Revista dos Reservistas

Os dias determinados para a revista dos reservistas do concelho de Tavira são os que vão indicados em seguida pela ordem das freguezias.

- Luz; no dia 23 de abril.
- Cachopo; no dia 30 de abril.
- Santo Estevão; no dia 30 de abril.
- Santa Maria; no dia 7 de maio.
- S. Thiago; no dia 14 de maio.

## PEDAGOGIA

(De La Raegère)

### PENSAMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO E O ENSINO

#### I

A melhor pedagogia é a que se aprende nos bancos da escola primaria e que encontramos depois nas recordações da infancia.

#### II

Os professores novos tem o fogo sagrado, os velhos a experiencia. Entre estes dois extremos os professores de meia idade deveriam ter um e outra: ora muitas vezes não tem já o primeiro quando ainda não tem a segunda.

#### III

Os conselhos dos professores novos valem muitas vezes mais do que os dos velhos, apesar dos conselhos delles serem mais prudenciaes: destroem menos as illusões de seus discipulos.

#### IV

Tem sido illudidos os que por meio de regulamentos, de programas, de empregos de tempo, de inspecções são julgados forçar os ruins professores a cumprir o seu dever. Perturbaram os bons no seu trabalho, privaram-nos de toda a iniciativa; e os outros nem por isso tem mais difficuldade do que outr'ora em illudir as auctoridades.

#### V

Não ha nada mais facil do que criticar um professor e o seu methodo de ensino; muito menos é apreciar o no seu justo valor, mas a desgraça está em que apesar das difficuldades dessa tarefa, ha poucas pessoas que não se julguem capazes de a desempenhar.

#### VI

E' sobre tudo em pedagogia que o *optimo* é inimigo do *bom*.

#### VII

Ha duas classes de examinadores pelo menos; os que forcejam quanto podem inquirir dos conhecimentos do candidato e os que só pensam em fazer gala do seu saber.

#### VIII

Ha examinadores que buscam de preferencia inquirir do que o candidato é capaz de ensinar do que daquillo que elle sabe. E tem razão.

#### IX

Os grandes corações são os dos grandes educadores.

#### X

Só os pedantes evitam a familiaridade; tem para isso suas razões.

### "NOVO MUNDO"

E' magnifico o n.º 12, d'esta interessante illustração semanal que se publica em Lisboa sob a direcção do sr. Gomes dos Santos. Acompanhando o texto variadissimo insere grande profusão de gravuras que a excellencia do papel torna de uma nitidez incomparavel. E' uma das melhores publicações illustradas de Portugal.

### José Maria dos Santos, junior

com o curso de Construcção Civil e Obras Publicas pelo Instituto de Lisboa!

Levantamentos, plantas, cortes, projectos e outros trabalhos de topographia e construcção.

TAVIRA

## CRONICA LOCAL

## O FERIADO EM TAVIRA

N'um edital agora collado no quadro negro, á porta da Camara, lê-se que a comissão administrativa do concelho de Tavira determinou, em sua sessão de 31 de outubro passado, que o feriado local, cuja escolha lhe era facultada pelo art.º 2.º do decreto dos dias feriados, fosse no dia 1.º de maio.

Quem lêr a acta d'essa sessão assim encontra explicada a razão da escolha:

... Em homenagem ao proletariado, base do progresso e principal factor da civilização mundial, que o feriado especial para Tavira seja o dia 1.º de maio, dedicado exclusivamente á festa do Trabalho...

Suum cuique.

Pertence a esta camara e a mais algumas a gloria de terem prestado em primeira mão a mais brilhante consagração ao proletariado... e ao trabalho!

Engrossado desta forma um dos factores, é evidente que, o producto, a civilização mundial, deve apparecer tambem, e na mesma proporção muito melhorado, razão sobeja para todos nos alegrarmos.

\* \* \*

Quando uma camara, já nos não lembra qual, tomou a iniciativa de convidar as do paiz para que recobrisse n'aquelle dia a escolha do feriado especial dos municipios, protestamos aqui, n'esta mesma secção, contra o facto que lá contra as disposições do decreto.

Não foi, todavia, porque entendessemos que não era credora de uma especial homenagem a honrosa coorte dos que trabalham, mas porque julgamos e ainda julgamos que essa homenagem, quando prestada somente por esta ou por aquella camara, fica muito aquém da que é devida.

Se uma camara tomasse a iniciativa de propor ao governo que o dia 1.º de Maio—em homenagem ao proletariado—fosse feriado em todo o paiz, aplaudi-la-hiamos. Mas tendo determinado o governo que cada municipio escolha um dia feriado—de interesse exclusivamente local—lembrarem-se algumas camaras de escolher para esse feriado o 1.º de Maio, é que não podemos applaudir, a não ser que nos provem que só merece essa homenagem o proletariado de Tavira e o das outras terras que tomaram igual determinação.

Será pois assim? Terão direito á homenagem somente os proletarios dos municipios que escolheram o 1.º de Maio? Cremos piamente que isto está mais que percebido. Acreditamos que depois das explicações dadas pela primeira camara do paiz, a de Lisboa, não haveria hesitações. Mas não succedeu assim, *malgré tout*, o proximo dia 1.º de Maio será o feriado da nossa terra. Não sem que aqui fique lavrado o nosso protesto porque o dia 1.º de Maio a ser feriado, deve se-lo em todo o paiz e não em um ou outro municipio.

A determinação da camara cremos que precisava da sancção do sr. ministro do Interior e como aquella já vem publicar o edital referido, é natural que a sancção tenha sido dada e que aquelle ministro se tenha conformado com essa prestação de homenagens ao operariado, por partes aliquotas.

\* \* \*

Uma das razões de grande peso na escolha d'este dia foi talvez a de não haver um outro preferivel para o feriado, sob o ponto de vista dos interesses locais.

Que viria cá fazer um feriado no dia da tomada da cidade, por exemplo? Como já passou o tempo da conquista, a celebração de tão remota façanha cheirava a baifo. Não digo menos d'isso.

O 4 d'outubro apresenta um numero tal de dificuldades e contratempos: as repartições fechadas no dia que muita gente de longe vem á feira e aproveita a occasião para tratar dos seus negocios; que, apesar de ser defensavel, não nos repugna abandonar-lo.

Mas não é caso para se dizer não ha mais nenhum. Porque a verdade, é que o nosso desejo principal foi sempre que se aproveitasse essa regalia que nos dava o governo provisório para a transformar n'um beneficio que podia ser importante para a terra.

E' proverbial a decadência a que ella tem chegado, de forma que, se nos esforçássemos por obter algumas vantagens, o intento seria louvavel.

No proximo numero continuar-se-ha n'esta ordem de ideias até ver se conseguimos demonstrar que ainda que pouco, podia ter-se ganho alguma coisa, escolhendo outro dia e que fizeram mal os pretiores em «non curare de minimis.»

20-4-1914

S. J.

## MENDES CABEÇADAS

Já retirou para a capital este heroico revolucionario de 5 de outubro. Em Faro houve em sua honra uma sessão na camara municipal, fazendo uso da palavra, o quartanista de direito, sr. Galvão.

Tambem um grupo de patriotas offereceu a Mendes Cabeçadas uma taça de champagne, no hotel Magdalena, trocando-se alguns brindes.

## Ha falta de vinho

Não vimos d'esta vez fazer-lhe a historia pormenorizada ou contar-lhe a remota origem. Uma é bastante tormentosa e accidentada para que possa traçar-se nas fugidias notas d'um jornal; a outra fê-la já a prosa tão portugueza e alegre de Alfredo de Mesquita e viram-na os leitores do *Heraldo* n'um dos nossos numeros recentes. De modo que o vinho, o succo appetecido que já em épocas diluvianas fazia as delicias de Noé, não vem d'esta vez ás columnas do *Heraldo* pelo braço da litteratura, com tratos de estilo e de erudição; vem antes como bôa-nova a adejar em volta dos vinhateiros algarvios, enchendo-os de esperanças com a previsão de bom preço e de bôa pinga.

Tal e qual. A baixa temperatura que se conservou durante os trinta e um dias de março e veio continuando por abril afôra, como que no ruim proposito de tornar interminavel o áspero inverno d'este anno, causiu serios prejuizos ás principaes regiões vinícolas da Europa enfraquecendo-lhes muito sensivelmente a produção que já o anno passado, por motivos identicos ou parecidos, fôu extraordinariamente escassa. Uma pequena mas muito elucidativa nota de temperaturas accusadas recentemente n'algumas d'essas regiões, todas abaixo de zero—e que vimos publicada n'um diario da capital—facilita o calculo dos prejuizos causados, pois facil é prever a ruina de vinhas a que as geadas queimaram os primeiros rebentos.

Claro está que com a chegada destas desanimadoras noticias coincidiu—como sempre—uma rasoavel subida de preço nos vinhos, o que se por um lado atormenta e preoccupa tristemente os bebedores profissionais; por outro alegra os proprietarios de vinhas n'esta nossa provincia onde as inclemencias do tempo, apesar de impertinentes, não produzem comtudo estragos de tão grande monta. Viu-se, por exemplo, o anno passado, em que a escassez das vvas tambem foi notavel por virtude de anormalidades de tempo, o Algarve não soffrer sensivel falta de produção e, se alguma houve, foi prodigamente compensada na alta de preço que os vinhos logo obtiveram e que se têm mantido todo o anno.

E' de prever que com estas noticias de presuivivel escassez nas principaes regiões vinícolas, a alta de preço não só se mantenha mas progreda, o que é de bom agoiro para os proprietarios algarvios... se o inverno, depois d'uma persistencia d'estas, não pensar ainda em fazer-lhes alguma partida de truz.

## Transcripção

O nosso collega de Loulé, *Povo Algarvio*, transcreveu no seu ultimo numero a entrevista que um redactor do *Heraldo* teve com o dr. Virgilio Inglez.

Agradecemos.

## ASPECTOS ELEITORAES

PALESTRAS COM O CONDE DO CABO DE SANTA MARIA  
E COM O SEGUNDO TENENTE MANUEL ALBERTO SOARES

## O que diz o Conde

O registro do *Heraldo* ficaria incompleto se, com os vultos politicos cujo parecer temos divulgado nesta serie de entrevistas que vimos publicando, não figurasse o sr. conde do Cabo de Santa Maria, *gros bonnet* da politica do Algarve, chefe local do extinto partido regenerador e antigo presidente da camara de Faro.

Tendo representado por varias veses um importante papel na politica desta provincia, antigo director de varios jornaes politicos, figura sympathica, impondo-se pela bondade e pelo cavalheirismo, o sr. Conde estava naturalmente indicado para victima deste supplicio *arte nova*, que escapou á Inquisição e que consiste em aturar um redactor de jornal, que, tal como nós, vem besbilhoteiramente inquirir, fazer perguntas...

Todas as razões indicadas e a penhorante amabilidade com que o sr. conde do Cabo de Santa Maria sempre nos tem recebido, numa inalteravel amizade que vem desde os tempos do *Algarve e Alentejo*, periodico em que continuamos nesta provincia a ingloria carreira da imprensa,—eram de molde a justificar o nosso gesto, incitando-nos a entrevistar o antigo chefe do extinto partido regenerador do Algarve.

E fomos.

Procuramos o sr. conde, que nos recebeu, como habitualmente, no seu escriptorio, vasta quadra cortada de janellas e com as paredes revestidas de estantes de madeira escura, em cujas prateleiras reluzem as lombadas dos livros.

Cadeiras de espalda, em coiro lavrado, pejam o aposento e a um lado estende-se uma longa mesa de trabalho, cheia de papeis, illustrações, livros.

A' direita da porta, sobre um movel de linhas severas, a faiança mordida pela luz tem scintillações metálicas, e um gomil de linhas graciosas recorta a curva do seu bojo azulino numa discreta penumbra.

Notificada a razão da nossa visita depois dos cumprimentos do estylo, eis o que tivemos o prazer de escutar ao sr. conde, em resposta ás nossas perguntas sacramentaes:—o que pensava da mudança das instituições e como se lhe afigurava o estado do paiz apoz a queda do monarchismo.

—«Sabe o que penso?—diz-nos o sr. conde—Julgo, tenho a certeza de que, se todos os monarchicos convictos, dignos e honrados, soubessem, conhecessem o descalabro a que o extinto regimen levou o paiz, ha muito mais tempo que se teria proclamado a Republica.»

Depois, apreciando criteriosamente a má orientação do ex-rei, fez varias considerações, frisando o ponto altamente significativo de ver o ex monarcha corrido a envergar a opa de irmão da misericórdia de Mafra, mesmo quando Teixeira de Sousa se dispunha a dar o golpe de morte nas congregações religiosas.

Confessa tambem que nunca lhe passou pela cabeça que a Republica se proclamasse em Portugal ainda com mais perfeição que no Brazil e, como amigo do seu paiz, que se preza de ser, faz votos, os mais sinceros e vehementes, para que se mantenha este estado de coisas, absolutamente necessario.

—E dos homens do governo, que pensa V. Ex.ª?—interrompe-nos.

—«Penso que são competentissimos para realisarem a tarefa entendida e que todos os bons portuguezes os devem auxiliar, pois só assim, cooperando lealmente com esses patriotas, poderemos es-

conjurar, de uma vez para sempre, o phantasma da intervenção estrangeira com que os reaccionarios das conspiratas constantemente nos ameaçam.

—E quanto á lei eleitoral?

—«Francamente não a conheço bem; todavia, a impressão que colhi de uma rapida leitura é que, como todas as leis, tem coisas boas e coisas más; mas estou certo que, pouco a pouco, a irão modificando consoante os alvites attendiveis que forem apparecendo...»

—Dos circulos e dos candidatos, que diz V. Ex.ª?

—«Entendo que quantos mais circulos melhor. Um só circulo seria talvez mais commodo, mas muitos representarão, mais exactamente, sem duvida, a opinião do paiz. Quanto a candidatos ha tantos, tantos!... indigita-se tanta gente... De barlavento a sotavento não falta quem deseje ir ás *constituentes*...»

—Qual é a opinião de V. Ex.ª acerca desses indigitados, se não é exageradamente indiscreta a pergunta?

Aqui o sr. conde reflete uns instantes, dizendo nos logo depois:

—«Não sei! Não desejo mesmo pronunciar-me porque receio que as minhas palavras possam prestar-se a qualquer mal entendido. Entretanto sempre lhe direi que desejava ver nas *constituentes* gente de peso, para empregar a phrase consagrada. Entendo que todas as classes devem enviar lá os seus representantes, mas tambem entendo que devemos fugir de um parlamento só de gente nova, sem experiencia para tão graves assumptos como os que ha para resolver...»

«Mas não vá agora pensar, por estas minhas palavras, que eu desejaria que a Republica lançasse mão dos antigos deputados monarchicos, já callejados no duro officio de... não fazer nada.»

«De forma alguma. O que desejo accentuar, é que o partido republicano, ou antes o paiz, deve esforçar-se para mandar ao parlamento homens, como por exemplo o dr. José de Padua, ponderados e de uma intellectualidade garantida...»

«Onvi dizer que por Villa Real pensava em ser eleito um antigo deputado monarchista; disseram-me tambem,—não sei se com fundamento,—que os dirigentes do partido republicano de Tavira não estão dispostos a acceitar tal encargo e que o mesmo faria o dr. Cabrita, de Portimão.»

A meu ver é pena que taes boatos se confirmem. Era gente que pelos seus serviços á democracia estava naturalmente indicada...»

—E de Faro?

—«De Faro indigita-se, como sabe, o dr. Gil.»

—E a V. Ex.ª parece-lhe...

—«Que é uma candidatura viavel. E' incontestavel que o dr. Gil trabalhou, a peito descoberto, a favor das novas instituições. Sem ter a pretensão de orientar carreira nem de guiar a opinião, dir-lhe-hei imparcialmente que se me afigura de todo o ponto justo o empenho do dr. Gil em ir ás *constituentes*...»

—Nesse caso, V. Ex.ª.

—«Não terei duvida alguma em acompanhá-lo porque conheço de ha muito que o dr. Gil sabe ser dedicado e leal aos seus principios sem quebrar as bôas normas que o cavalheirismo lhe impõe, preceitos estes que, infelizmente, hoje em dia, nem toda a gente se esmera em guardar.»

Estava prehenchido o nosso fim; demos por terminada a palestra, agradecendo ao entrevistado a amabilidade com que se prestára a satisfazer uma curiosidade que, a final, não é nossa, mas dos nossos leitores.

Rosencrantz.

## O que diz Manoel Soares

A' lista interminavel e interessante de només que ora surgem de todas as partes e por todos os modos de candidatos que se propõem ás proximas constituintes, pelos circulos do Algarve, veio a *Alma Algarvia*, no seu numero de domingo ultimo, juntar mais um: o do 2.º tenente da armada sr. Manoel Alberto Soares. Não nos surpreendeu a noticia porque sabemos que este nosso presado amigo, cioso do muito amor que tem á sua provincia natal, se obstina desde ha muito em ser-lhe util e pensa, com afiço, n'uma cadeira de S. Bento, como logar que julga dos melhores para effectivar os seus ardentes desejos de zelar os interesses algarvios. E é tal essa obstinação—sem duvida desculpavel pela nobreza dos propositos que a animam—que o levou á imperdoavel loucura de prestar o seu nome, tambem como candidato, a essa famosa colligação que sobre a rubrica de *bloco* constituiu um dos mais tristes documentos de politica no velho e extinto regimen da monarchia.

Mas o que haveria de verdade sobre a sua candidatura de agora? Elles são tantos os boatos, tantos os candidatos, tantas as excentricidades alvicaireiras dos novelleiros!

Não seria melhor ouvir-o? Dito e feito. Elle habita um pittoresco *apartment* da rua D. Pedro V., onde passam minuto a minuto os *electricos* do Principe Real, e assim á saciedade-jornalistica de receber a confirmação de um boato corrente juntava-se á perspectiva de um bello passeio atravez d'um dos mais lindos boccados d'esta exquisita Lisboa a um mesmo tempo galante e carbonária.

Encontramo-lo em casa, chegado ha pouco do *Instituto de Soccorros a Naufragos*. Tinha, como quasi sempre, a côr saudavel de marinheiro e uma excellente disposição de espirito. Trocadas rapidas palavras de cumprimento, onde a sua generosidade teve requintes de gentileza, puxamos logo—desculpem-nos a expressão—a *brazza á nossa sardinha*:

—«Sabe que os jornaes já trazem a noticia da sua candidatura pelo nosso Algarve?»

—E' surpresa para mim. Ainda não tinha visto isso em jornal algum.

—Mas é certo que se propõe?

—«Não me proponho, nem deixo de me propôr. Penso que a ninguém compete propôr-se ou impôr-se á consideração dos seus comprouvianos para em si delegarem o supremo mandato das suas legitimas aspirações, dos seus desejos sinceros, das suas necessidades imperiosas e uilmente reconhecidas, dos seus direitos indiscutíveis; mas como assim penso, entendo tambem que ninguem tem o direito de se esquivar, seja pelo que fôr, a cumprir determinações de collectividades, quando ellas tem a legitimal-as a verdade, a justiça e a razão. Eu não me imponho, mas acceitarei de bôamente imposições da natureza das que lhe expuz.»

Amigos muito queridos do Algarve, alguns de elevada posição social e legitima preponderancia local, dos «que tem que perder», mostraram-me desejos de ter quem lhes advogue e trate da defeza dos seus justos interesses e patrioticas aspirações, não só suas como ainda das de muitos outros que pelos seus conselhos se guiam, e com uma galhardia que nunca esquecerei, dizem ter vantagens—segundo o seu obsequioso modo de ver—que eu venha, como representante da nossa provincia, ao parlamento, na sua primeira reunião a dentro do novo regimen.

—E como, segundo a sua opinião, ninguém se deve esquivar...

—Eu lhe digo. A esses amigos respondi agradecendo-lhes a amável indicação e expondo-lhes este meu modo de ver a actual conjuntura eleitoral, o que fiz, também, a pessoas com quem mantenho seguida correspondência e de quem, nas ultimas eleições, recebi provas de inesquecível amizade. Eis o que fiz, por agora, sobre eleições.

—E é com agrado que apresento, n'esta oportunidade, a sua candidatura, se a ella o levar a insistência dos seus amigos?

—Sei, pelo que tenho visto, o estado especialissimo de espiritos sob o qual vão ser feitas as eleições. Não desconheço, e meço-as bem, as cousas desagradáveis que podem dar-se e para as quaes toda a reflexão é pouca e toda a ponderação necessaria, e, como tal, tenho estudado cuidadosamente o assumpto, e examinado os acontecimentos, chegando á seguinte conclusão: ter-me-hão os algarvios sempre, de todo e pelo coração, ao seu lado, na justa defeza dos legítimos interesses, direitos e regalias, procurando dar a essa bella terra tudo o que ella carece e do que tão pouco possui; no entanto, no momento presente, eu entendo dever aguardar a confecção das listas do partido republicano historico e ver por quem são compostas.

Estou convencido que ellas confirmam a muita consideração que tenho pelo nosso illustre governador civil, a quem me ligam laços de intima amizade e parentesco, e pelos altos dirigentes do mesmo partido entre os quaes ha muitos de quem venho, de longa data e desde os bancos do lyceu, sendo amigo dedicado. Só depois da apresentação d'essas listas e da divisão dos circulos electorales—o que supponho ter-se resolvido hontem em conselho de ministros—é que saberei o que melhor convem ao bem geral da nossa provincia e aos desejos particulares dos meus bons amigos.

—Certamente que, a propôr-se, será pela minoria?

—Sem duvida, visto que as maiorias serão propostas pelas commissões republicanas locais e Directorio. Pela actual lei eleitoral o Algarve deve ser dividido, pelo menos, em dois circulos e ha a garantia formal e certa da representação das minorias—pois parece assente não sancionarem o Directorio e o governo os desdobramentos, mantendo assim o seu modo honesto de pensar da opposição—e ellas serão preenchidas pelos algarvios...

—Só algarvios?

—E' que eu sou um ferrenho defensor dos deputados regionalistas, que tenham interesses proprios a defender e que tenham ligações e ambições locais.

Mas, como lhe ia dizendo sobre minorias: ellas serão preenchidas por algarvios escolhidos livremente pelos electores que não tinham filiação politica no partido republicano antes de 5 de outubro e que não querendo ser recebidos com a aria motejadora de *adhesivos*, aguardam—quaes Potencias—as constituintes e a normalidade para servirem o regimen e, no entanto, vão querendo ter—como de direito—deputados seus no parlamento. Se os nomes dos nossos comprovincianos escolhidos para estas minorias forem, como é de crer, pessoas que com mais seguro exito de que eu possa defender os nossos direitos em Côrtes, bem está; eu continuarei então como simples mirão, vendo o desenrolar dos acontecimentos e discutindo-os como me parecer. Se, pelo contrario, acharem que nos meus poucos prestimos melhor fica essa representação, receberei o mandato sem outro fim qua não seja o bem do meu paiz e inalteravel integridade do seu territorio, tendo como lemma que, em assumptos que respeitem á independencia da patria, não devem haver dissensões politicas, nem de collectividades nem de individuos e que uma só vontade a todos deve unir: morrer defendendo-a.

—Não quero, porque não devo, crear eleitoralmente difficuldades

ao governo estabelecido, nem adquirir fórmis de republicano historico para exigir direitos que não possuo ou adquirir regalias que não pretendo. Sirvo a marinha de guerra, que amo, e por cujas prosperidades necessarias, urgentes e utilissimas para o paiz pugno e pugnei sempre.

E com uma loquocidade propria de algarvio, o moço marinheiro falla apaixonadamente da marinha, do brilho da sua tradição, da sua conducta honrada e destemida, da esperança que todos n'ella devem ter para o futuro do paiz e, depois, recordando-se que as eleições são o ponto essencial da nossa palestra, conclue:

—Já vê, pois, que tudo o que p'este momento penso de eleições, se concretisa no seguinte: como bom algarvio, prompto incondicionalmente para tudo que possa contribuir para a felicidade do Algarve e dos nossos comprovincianos; como marinheiro, desejoso de ir juntar a minha voz quente pelo amor que tenho á minha profissão, ás que em Camaras se ouvirão a pedir o engrandecimento material da marinha de guerra, como esteio seguro e indispeasavel da nossa independencia e da nossa soberania e integridade nacional; como portuquez, que me orgulho *malgré tout* de ser, apto a todos os sacrificios, que tenham como fim o progresso de todos os ramos da vida publica, a paz externa, e o bem-estar interno deste lindo pedacito de terra que muito mais amamos quando, longe d'ella, a saudade nos traz—a sorrir—a recordação das suas belezas.

Antonius.

#### INEDITOS

### O "DOM" DE RAMON

De José Rodão

Era tão nescio Ramon,  
Sapateiro nada bom,  
Que todo se arreperava  
Se acaso alguém o chamava  
Que lhe não puzesse *Dom*

Dom Ramon é que él dizia  
E todo o mundo se ria  
D'aquelle pobre vaidoso

Em fazer-lhe zombaria  
Cada um achava goso.

Pega no *Dom* e... coitado!  
No seu nome poz ao lado.  
E o povo p'r'o castigar  
Começou por lhe chamar  
Senhor *Dom Acrescentado*...

O sapateiro atrevido  
Teve cruel arrelia  
E o seu unico sentido  
Era ver como podia  
Livrar-se do apellido...

Depois de muito pensar  
Occorreu-lhe uma ideia:  
Ir elle proprio fallar  
N'uma geral assembleia  
Do povo lá do logar.

Confessou que desistia  
D'aquelle *Don* malfada  
Causa de tanta arrelia.  
E assim, ninguém devia  
Pôr-lhe o *Don Acrescentado*.

O Povo de accordo está  
E promete logo alli  
Que não ouvira já  
*Acrescentado* p'rá aqui  
*Acrescentado* acolá.

Ramon fica admirado  
De tanto haver conseguido  
Sem saber, o desgraçado  
Que fóra apenas mudado  
O seu fatal apellido:

Era *Dom Acrescentado*  
Hoje é... *Dom Diminuido!*

Pode-se agora afirmar  
Que o desgraçado Ramon  
Chegou onde quiz chegar

Porque afinal tem o dom:

O dom... de não acertar!

Versão do espanhol 18-4-911.

S. J.

## O COSTUME

A Carolina Angela

VI

Seguidamente ao tratamento do corpo e da cabeça, vinha o vestuario, cujo luxo e riqueza atingiram entre os gregos extraordinarias proporções apoz a invasão de Xerxes quando as relações com a Asia se estreitaram.

Foi então que começaram a usar-se os tecidos leves e transparentes, destinados a principio a simples adornos, taes como veus e tiras ou filetes com que se entreteciam os penteados e passando mais tarde a empregarem-se no vestuario, de modo que as tunicas feitas destes tecidos mostravam o corpo na mais esplendida nudez.

Mas que differença, que progresso enorme, que sublime contraste entre essa luminosa epoca da historia da Grecia e esses tempos remotissimos em que o miserável troglodyta lutava incessantemente contra os pheumens da natureza e contra os monstros paleontologicos então existentes e que hoje excitam a curiosidade dos estudiosos nas galerias envidraçadas dos grandes museus!

Que luctas tremendas seriam as desses barbaros que, tal como Robinsou Crosoé, deviam ter praticamente comprehendido, que de todas as especies ferozes a sua era a mais perigosa, a mais temivel e violenta.

Como foi que esse ignaro caçador, absorvido pela constante preocupação do alimento e da defeza, achou tempo para enregar-se aos trabalhos manuaes, fazendo-os seguir a rotina progressiva e admiravel que vae do bronco machado talhado em silex até aos finos labores da eslyiiação da arte indu e dos primores esculpturaes da estatuaria grega?

Quem poderá já hoje desvendar tão tenebroso mysterio?

Existem, é certo, as colleções dos museus, ordenadas e catalogadas pelos archeologos, estão pejudadas as bibliotecas de monographias e tratados ácerca de tão importante como interessantissimo assumpto, mas a historia da evolução humana tem la cunhas que a sciencia archeologica dos nossos dias ainda não logron prehencher.

Que serie de dramas, de angustias, de privações e de tormentos existem, muitas vezes, representados numa estante de museu por dois calhaus lóscos, onde vagamente se esboça uma fórmula utilitaria, e sobre os quaes os olhos do visitante passam com indifferença?

Imagina-se, por exemplo, qual seria o contentamento daquelles a quem o artifice do primeiro pente veio mostrar um objecto tão necessario e sem o qual a cabelleira humana, longe de ser um adorno, especial, no gracioso sexo de V. Ex.<sup>a</sup>, só podia dar origem ao soffrimento e á immundicie?

Que dramas neste insondável mysterio, maravilhoso pelos progressivos resultados obtidos por toda a parte onde o homem soube organisar a familia e viver em sociedade!

Os Gregos enaltecendo sempre os seus primogenitores, orgulhavam-se de ter inventado tudo e com a sua mythologia asiatica, passavam a si proprios os diplomas respeitantes a taes prodigios, mais ou menos phantasistas.

Certo é que taes usos, taes costumes, taes invenções, para assim lhes chamar, generalisaram-se, comprovando a profunda solidariedade existente entre a familia humana, evidenciando quanto são poderosos os laços que nos ligam aos nossos predecessores e deixando antever qual a intensidade dos que hão de prender-nos aos que nos succederem.

Se considerarmos attentamente todos os usos e costumes, adornos e utensilios que constituem o esplendido scenario da actual civilização, havemos de confessar que, á parte raras excepções, todas essas maravilhas foram delineadas pouco a pouco, através das idades, pelas successivas gerações dessa creatura extraordinaria e fragil que a Biblia diz ter sido formada por Jehovah, nas horas vagas em que fazia modelação mas cuja origem miseranda Lamarck, Darwin, Huxley, Büchner e Haeckel contestam em nome de uma outra

divindade não menos respeitavel: A Sciencia.

V. Ex.<sup>a</sup>, minha senhora, perdoará estas prolixidades que julgo indispensaveis. E' contando com a sua benevolencia que me atrevo a pedir-lhe permissão para continuar no proximo numero.

Faro, Abril de 1911.

Lyster Franco.

VARIA

## GASTRONOMIA

Não faltam pessoas que censuram quem come muito.

Pois não teem razão.

Quem come muito é porque a vontade lhe pede e a sorte lhe permite satisfazer tal exigencia.

Ha quem, sempre envolvido nas labutações do trabalho, só coma por necessidade e restrictamente o preciso para a vida.

São os que comem para viver.

Outros, pelo contrario, comem muito, e pensam nessa importante necessidade antes de tudo.

São os que vivem para comer.

Todavia, para consolar os comilões, é justo ciar alguns homens celebres que a historia antiga nos apresenta e que tambem se distinguiram pelas suas extraordinarias apidões gastronomicas.

Aristogono Cirenaico era tão guloso e comedor que mandava regar com vinhos preciosos a horta-liza do seu quintal para que fosse mais saborosa.

Vitelió, imperador romano, comia extraordinariamente e quando estava saciado, tomava hervas medicinaes que provocassem o vomito para... tornar a comer.

Clodio Albino foi tão dado á gastronomia que só a uma ceia comeu quinhentos figos, dez melões, trezentos cachos de uvas, cem tordos e quatrocentas ostras, *si vera est fama!*

O imperador Maximo comia, geralmente, o equivalente a cinco kilogrammas de carne e bebia um almude de vinho.

Nitridates mandava preparar grandes manjares e premiava quem melhor os comesse, pode dizer-se que foi o inventor do *sport* da gulotonice.

Horacio conta que Publio Golonio, pregoeiro de Roma, era tão gulotão que nunca chegou a fartar-se de comida.

O pintor Heraclides que desafiava todos a comer, se vivesse hoje teria de morrer de fome. Seneca assegura que Marco Apicio foi o maior gulotão que existiu até á epoca em que viveu, pois sabendo que existiam em Africa uns figos saborosissimos não hesitou em emprehender uma penosa viagem para ir devoral-os.

Entre nós, houve sempre grande variedade de comilões; distinguindo-se mais modernamente o celebre comillão de Almada que chegou a comer 20 kilos de batatas, 14 pães, 6 kilos de bacalhau e vinho á proporção.

Depois, em materia gastronomicas, tivemos os *adeantamentos* e o *predealismo* que, sob todos os pontos de vista, garantem a alguns filhos d'esta patria redimida, logar condigno entre a horda celeberrima dos comilões de todos os tempos.

### Augusta Cordeiro

Volta brevemente a pisar o palco do nosso pequeno theatro, onde tantas vezes foi applaudida e onde passou, talvez, os melhores annos da sua aprendizagem artistica, esta distincta actriz societaria do *Theatro Nacional* e que é, pelo seu valor, uma das figuras mais em evidencia nos palcos da capital.

O actor Augusto Machado, em prezario d'uma das *tournees* que nos visitam em junho proximo, como o *Heraldo* já referiu, acaba de contractar para essa mesma *tournee* a distincta actriz que desde que começou a representar nos theatros de Lisboa ainda não fez parte de qualquer excursão artistica pelas provincias.

Lá a iremos vêr, a antiga tyrolleza do *66* recordar no seu perfil essa saudosa epoca de theatro local.

## NOTICIAS MILITARES

Na quinta-feira regressou á séde do regimento, n'esta cidade, o destacamento de infantaria 4 que desde ha dias se encontrava em Villa Real sob o commando do alferes Manoel Guimaraes.

Consta que o sr. ministro da guerra publicará a reorganização do exercito antes de reunidas as Constituintes.

Parece que por essa organização será collocado em Faro um regimento, talvez infantaria 11 que está em Setubal e que é substituido por um batalhão de cavallaria e que em Villa Real de Santo Antonio será collocado tambem um batalhão de infantaria.

Foi promovido a alferes da administração militar o sr. Arthur Luiz Filipe de Magalhães.

## NOVA MOEDA

Está já assente que a primeira cunhagem que a Casa da Moeda fará, será moeda de praia.

A base da moeda será o escudo, do valor de mil réis; meio escudo corresponderá a quinhentos réis; um quinto de escudo corresponde a duzentos réis e um decimo a cem réis.

O escudo equivalerá a cinquenta centavos; o decimo de escudo, ou os cem réis actuaes, a dez centavos.

A moeda de cobre desaparece, sendo substituida por uma de nickel.



**Minha filha Esther**  
de 11 annos de idade,  
soffrendo de anemia,  
dei-lhe diferentes medicamentos sem resultado algum. Contristado bastante por julgar o mal incuravel, um amigo me lembrou a Emulsão de Scott, que immediatamente lhe ministrei, sendo o resultado rapido e satisfatorio, pois já se encontra completamente restabelecida, forte e sadia.

Testemunho de JOAQUIM MACEDO, do Largo da Anunciada, No. 7, 1.<sup>o</sup> Setubal, em 27 de Fevereiro de 1909.

E' experiencia universal, que quanto mais cedo se experimentar a Emulsão de Scott, tanto mais depressa principia a cura da anemia. A Emulsão de Scott nunca deixa de curar, devido aos ingredientes generosos e fortes com que é fabricada pelo processo especial de Scott. Quando desejaes obter a

## EMULSÃO DE SCOTT

recusae todas as outras, sendo mal fabricadas e com ingredientes fracos, não possuem a virtude necessaria e não podem de maneira alguma curar uma doença tão séria como a anemia.

NOTA: Apesar do Imposio de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços seguintes, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.<sup>o</sup> Porto.

Exijir sempre a Emulsão com a marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.

Á GANDAIA

Dó Seculo, na velha pratica de armar á sentimentallogia indigena, descrevendo um crime recente sob o suggestivo titulo: «Uma tragedia numa agua furtada».

«O sr. Basilio, o que tem? Passou mal a noite? Que é da D. Candida?»

Em voz cava, com os olhos ainda mais em alvo, sinistralemente, o Amorim respondeu:

«Está lá em cima, mortal Matei-a!»

Que bello final de acto para uma tragedia destinada a um dos populares theatros da... Feira d'Alcantara!

Do Diario Popular. Na trigessima segunda... vacca fria:

«Carta aberta a Deus Nosso Senhor.—Eterno cidadão:

Não tendo lido até agora no Diario do Governo o decreto da sua exoneração, creio que continua a estar á testa da Direcção Geral da Chuva e do bom tempo. Nestas condições, venho por esta fórma lançar o meu protesto contra a desorganização dos serviços que lhe competem.»

Vemos com prazer que não cahiram em cesto roto estas palavras de Senapídio, na sua Carta de Faro, de 26 de março, protestando contra a auzencia da Primavera:

«Será porque o inverno, ao despedir-se, enlameou tudo, estradas e caminhos, naquelle furioso aranco de mau tempo, que mergulhou o plumitivo no mais infernal dos nervosismos, obrigando-o a requerer, aos poderes competentes, e pela decima quinta vez, uma syndicanca ao velho e reaccionario Padre Eterno.»

Da Provincia do Algarve. No A serio e a rir, depois de varias palavras amaveis dirigidas á moçanhada brava do lyceu farense:

«Mas no fundo daquella ebullição constante de energias fecundas (?) que é a mesma expansão latejante da verdura dos seus anos, ha um lado mau, que é necessario profundamente castigar.»

Temos pena de divergir, por completo de uma opinião tão brilhante e claramente exposta.

Castigar, na verdadeira accepção do termo, é uma das maiores heresias attentatorias da moderna pedagogia.

A nosso ver, não é tal profundamente necessario castigar a moçanhada brava, que commette as taes proezas constantes do sudario que torna lacrimante a trabalhada prosa do articulista.

O que se impõe, é que todos á uma, paes e mestres, mães e professoras, ensinem os seus filhos e discipulos, a venerar a Natureza, em todos os seus diversissimos aspectos; a respeitar a propriedade commum, muito embora mais tarde lhes façam vêr a alta conveniencia de destruir a propriedade individual, e a deixarem-se de dizer palavrões e pregar petas á familia.

Do Silvense, num rasgo de socialismo de... trazer por casa:

«O commercio, a industria e a agricultura, isto é, as forças vivas da nação, os que trabalham, querem um regimen que garanta a sua subsistencia, que os defenda dos seus inimigos e que lhes diga, com verdade quaes os seus direitos e qual a applicação do producto dos seus sacrificios.»

Serio? O commercio, a industria e a agricultura, ou os commerciantes, os industriaes e os agricultores? Entre uma e outra coisa ha differenças profundissimas.

Sim, porque, geralmente, o commercio está na mão de argentarios, a industria sob o jugo dos exploradores e a agricultura pertence aos grandes proprietarios, os quaes, ua melhor das hypotheses, não passam de genuinos parasitas, que se alimentam á custa do suor do misero trabalhador rural.

Quanto a commerciantes, industriaes e agricultores, na restricta e genuina accepção do termo, cá

no paiz, são poucos e quasi sempre pertencem tambem á grande legião dos eternos explorados pelo Capital omnipotente.

Não lhe parece?

Da Alma Algarvia, na prosa lyrica louvaminheira dos encantos de Monchique:

«Verá o mar azul lá em baixo, a baloiçar-se leve e a beijar a costa, onde se afoga todas as tardes o grande gigante Sol.»

Cresceu com a Republica, não ha que vêr; pois mais crescerá ainda com o redemptor advento da grande Revolução Social.

Notas politicas

Apparecem já a divisão dos circulos eleitoraes. O Algarve, como fomos os primeiros a noticiar, é dividido em dois circulos, assim constituidos:

Circulo 46 (Faro)—Faro, Olhão, Tavira, Castro Marim, Villa Real e Alcoutim,

Circulo 47 (Silves)—Albufeira, Loulé, Silves, Portimão, Lagos, Monchique, Lagos, Aljezur e Villa do Bispo.

Com a aproximação do acto eleitoral, ainda não determinado oficialmente, mas que tudo leva a crêr se realizará em 28 de maio, vão-se animando os mentideros da politica, aventando se hypotheses, construindo-se castellos... de cartas e surgindo candidaturas como cogumellos em terreno proprio.

Das maiorias nada ao certo se pôde dizer, porque dependem das propostas das commissões republicanas e sansão do directorio e aquellas, no Algarve, ainda não reuniram, apesar de já estarem prevenidas a reunir á primeira voz.

E' certo, porem, que tem todas as probabilidades de ser propostos o dr. José de Padua, por Faro e Mendes Cabeçadas, por Silves; muitas probabilidades; o dr. Estevão de Vasconcellos e dr. Aresta Branco, por Faro; dr. Antonio Maria da Silva, por Silves; algumas probabilidades: dr. Antonio Gil, por Faro, major Silveira, por Silves.

Mas tudo sujeito ainda a muitas contingencias.

Como os nossos leitores tiveram occasião de lêr no ultimo numero do Herald, no relato das festas feitas a Mendes Cabeçadas na sua terra natal, o dr. Marreiros Netto, distincto advogado que em Loulé tem preponderancia politica, prestou a sua adhesão ao partido republicano perante o seu particular amigo dr. Antonio Maria da Silva. Esta resolução foi muito bem recebida n'aquelle conselho, sendo de prever que o proximo acto eleitoral não tenha, ali, grandes divergencias.

Tambem fez a sua adhesão ao partido republicano, inscrevendo se por esse facto no cadastro parochial, o sr. Antonio de Sousa Dias (tio), de S. Braz d'Alportel e que era n'aquelle conselho o dirigente do partido progressista.

POR ESSE ALGARVE...

Albufeira

Por despacho ministerial foi estabelecida uma estação telephonica em Paderne, devendo ligar á estação d'esta villa.

Portimão

Já estão montadas as linhas telephonicas d'esta villa á Fortaleza, proximo da Praia da Rocha, e a Ferragudo.

—No fim do mez vem para aqui a companhia dramatica de Constantino de Mattos que tem estado em Lagos. —Projecta-se um cortejo operario á Praia da Rocha no 1.º de maio.

Villa Real

Esteve quarta-feira n'esta Villa o sub inspector primario sr. Albano Saraiva, que, em serviço do seu cargo foi tambem a Monte Gordo.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

Hoje, 23—Joaquim Pires de Sousa Gomes, Feliciano José Alves.

Quarta, 26—D. Maria Francisca Vellozo, João Antonio Peres Maldonado.

Quinta, 27—D. Maria da Cruz Pacheco Tavares.

Sexta, 28—D. Maria Amelia de Costa Carneiro. Sabbado, 29—D. Germena Correia Neves Braz, Eduardo da Silva Santos.

No rapido de segunda-feira partiram para Lisboa: D. Ilda Censado Teixeira d'Azevedo e seu irmão José, D. Marianna da Fonseca Neves, Sebastião Neves d'Aragão, estudantes militares Jorge Ribeiro, João Vízito Guerreiro e Eduardo Santos, Virgílio Luiz Lourenço e esposa; para Setúbal, João Sebastião Ramos e esposa; para Loulé, dr. João Sabbe.

Na segunda-feira deu á luz uma creança do sexo masculino a esposa do sr. Vasco Braz do Campos.

Regressou de Alcantarilha na segunda-feira o dr. Silvestre Falcão.

Na quarta-feira regressaram de Ayamonte a esta cidade as sr.ª D. Augusta Menendes e D. Marianna Madeira.

Em Faro deu á luz uma menina a sr.ª D. Maria Guedes Ferreira do Sequeira Braga, esposa do tenente da armada sr. Antonio de Sequeira Braga.

O sr. José de Carvalho Azevedo Lobo, retirou de Lagea para a capital d'onde egssu para Lourenço Marques, como secretario particular de seu primo dr. Azevedo e Silva, commissario do governo.

Chegou a esta cidade o tenente de infantaria sr. Lima.

Na sexta-feira chegou de Lisboa a Villa Real o sr. José Pedro de Lima.

De Paris, onde fóra na recente excursão academica, chegou note-houtem a esta cidade o sr. João Callega, estudante de direito, que por estes dias volta para Coimbra.

Com sua esposa regressou a Lisboa no rapido de sexta feira o sr. Hiter Ramos.

No rapido do hontem chegou de Beja a esta cidade o commovente da ottava brigada de infantaria sr. Coronel José de Vasconcellos. Como á chegada recebeu da divisão ordem telegraphica para recolher immediatamens a Beja, partiu logo para ali no comboio correio, que partiu 10 minutos depois da chegada do rapido.

Chegou de Lisboa na manhã de sexta-feira o tenente sr. Joss Maria Martinho.

E' esperado n'esta cidade em principios de maio proximo o sr. dr. José Teixeira d'Azevedo.

Está em Lisboa o general sr. Cundido Correia de Lagos.

Afim de collunar os seus estudos, já regressou á capital o sr. Ludovico de Menezes, filho, distincto alumno da Escola Polytechnica de Lisboa.

Regressaram esta semana do Sevilha ás suas casas os sr.ªs José Joaquim Agnas e sobrinhas, de Monchique; dr. Mureiros Netto e esposa, José Fernandes Guerreiro (filho), de Loulé; visconde de Aliranda e filho, de Lagos; Adelino Rocha, Luiz Mascarenhas e esposa, João José Freire, Mario Cyraco e José Ramires Valinho, de Silves; Francisco Leuro, de S. Braz; Joaquim Thiemó do Sousa Reis Remebido, de Messines; Justino Chaves e Nicolau Canivari, de Faro.

Ainda um pouco incommodado de saude, por motivo de um ataque de gripe que soffreu em Sevilha, retirou d'ali para Madrid e Vigo o sr. João quim Barret Trindado.

Partiu de Beja em digressão para Sevilha e outras terras da Andaluzia o nosso apreciavel camarada do impressa sr. Jacinho da Cunha Parreira.

Realizou-se em Lisboa o casamento da sr.ª D. Eulália Formosinho Patrio Alvares com o sr. Heitor de Carvalho, filho do nosso cemproviciario sr. J. Lino de Carvalho. Um dos padrinhos foi o tio do noivo, sr. Antonio Miguel Galvão, de Faro.

Continuam doentes em Lisboa os nossos patriotas sr. Agostinho Lucio e engenheiro Joaquim Pires de Sousa Gomes.

Na sexta-feira regressou de Lisboa o sr. Eduardo Parreira Faria, sellicidador nesta comarca.

Regressou de Lisboa a Silves o agronomo sr. Pedro Paulo Muscarelhas Judice.

Está melhor o professor de Silves, sr. Luiz Antonio d'Almeida.

Assistencia na reunião familiar de domingo ultimo, no "Club Farense": «Madames» D. Antonia Figueiredo, D. Maria Virgilio Inglez, D. Helena Serpa, D. Alice Paula, D. Joanna Pinto, D. Maria Luiza Netto, D. Maria Sebastiana Cansado, D. Julia Magalhães, D. Erelvina Garrido da Costa, D. Lucinda Mello Garrido, D. Alexandra Salter, D. Izabel Bivar, D. Engenheiro Salter, D. Angela Dias, D. Sol Amram, D. Rilla Ortigo, D. Anna Carneiro, D. Estefania Silva, D. Josephina Marques, D. Marianna Sá e D. Joaquina Ascensão Davim. «Demoiselles» Maria Libânia Lopes, Thendorina

Figueiredo, Rachel Amram, Laura Amram, Aida Romero, Gabriela Alexandre, Thereza Alexandre, Maria Francisca Inglez, Maria Manoela Inglez, Mercedes Modesto, Albertina Modesto, Adella Barroso, Mario dos Anjos Guerra, Maria Victoria Teixeira, Maria Barbara Pacheco, Gsooveva Sancho, Thereza Ortigo, Ana Leotte, Ephigenia Leotte, Bertho Lino, Rachel Carneiro Helena Serpa, Bertha Lopes, Christiana Marques, Amelia Saldir, Anna Fousca, Rachel Garrido, Mariaoua Cabeçadas e Maria Izabel Buisel.

Está em Lisboa o sr. Frederico de Castro, centador em Silves.

Partiram de S. Braz d'Alportel: para Lisboa, o dr. Jeje da Silva Nobre e o estudante do Lyceu José Paulo Pereira Machado e dr. José Viegas Louro; para Coimbra, o estudante João Antonio R. de Passos Junior e dr. Antonio Viegas Calçada.

Regressou da Allemanha a Faro o sr. Francisco José Pinto Junior.

Na terça-feira foi acommetido do um ataque apopleptico o sr. Antonio Martins Calado, de Alportel.

Chegou de Africa a Portimão o sr. Antonio Teixeira Biks.

Partiu em viagem pela Allemanha, Hollanda, Belgica e Inglaterra o sr. Mosés S. Sequerra, de Faro.

Estiveram em Tavira: na segunda, Manoel Ferreira Aboim, de Villa Real; Valeriano J. da Gloria, do Mexilhira da Carragação; João Lopes Martins, de Silves e dr. Joaquim do Nascimento Trindade, do Olhão; na terça, João Carlos d'Oliveira Mendouça e Lino Antonio Aanes Caro, de Silves; na sexta, José Leiria, coolador em Faro.

Em goso de licença encontrou-se na sua casa de Poiares o sr. dr. Antonio Eduardo, de Sousa Godinho, juiz de direito em Silves. Está a substituição o sr. dr. Diogo Leotte.

Partiu para Silves, onde gozará a licença que lhe foi concedida, o capitão medico sr. João José Marques que desta cidade foi transferido para Vizeu.

Pelo tenente de cavallaria sr. D. Antonio Coutinho, filho do er. Conde de Linhares, foi pedida em casamento a sr. D. Justina Cumauo Fialho, filha mais velha do sr. João Antonio Judice Fialho.

Realizou-se em Faro na quarta feira o casamento do sr. Eduardo da Fonseca Salter, alferes de infantaria, com a sr.ª D. Mariana Ritta Xavier de Basto Mascarenhas, filha do dr. Vasco Mascarenhas.

Aggravaram-se houlern os padecimentos do sr. João José Bernardo.

Está gravemente doente o sr. José Frazão.

No rapido de hontem á tarde chegou a esta cidade, acompanhado de sua esposa, o dr. Victor Machado Serpa, juiz de direito d'esta comarca que esteve procedendo a uma syndicanca na comarca do Monchique. Vêlo tambem o escrivão d'esta comarca, sr. José Joaquim Parrsira Faria, que foi secretario do dr. Machado de Serpa n'aquelle syndicanca.

Propaganda republicana

A' hora a que fechamos o nosso jornal, assistimos a uma das melhores propagandas republicanas que temos visto.

Estamos certos que a não encomendaram o Directorio, o governo provisorio ou qualquer collectividade do partido, mas sem duvida que é das propagandas de mais salutaes effeitos, exactamente porque é feita ao caracter do nosso temperamento de sentimentaes e proprio da nossa raça de sonhadores.

Dois ou tres guitarristas profissionaes, dos que fazem o giro das feiras e das romarias, banzam nos instrumentos os accordes meliodiosos do fadinho portuguez e ao ritmo chorado d'essa melodia sentimental duos mulheres do povo, com toada das provincias do norte, cantam elegias á Republica e aos seus caudilhos mais em evidencia. As mulheres tem um suave timbre de voz, sabem cantar os versos com sentimento, tal como elles cahem em graça no espirito do nosso povo, e o que esses versos dizem de bem pela republica gravase melhor em quem os ouve de que a rhetorica brilhante ou arvezada dos oradores de comicios e conferencias.

E', sem duvida, a melhor propaganda.

THEATRO

O grupo de amadores dramaticos de Olhão vae hoje dar uma recita no teatro de Villa Real.

Ao concurso para delegados de saude de Faro foram admitidos os srs. drs. José Frederico Cortes Menezes e Francisco Honorato Vaz.

CARTA DE FARO

DESARRISCAS, INCENSO, AMENDOAS E AGUA BENTA—A QUARESMA E O GRANDE BORRÃO VERMELHO DA DEMOCRACIA—AS PROCISSÕES, O PAIZ DÓS ZULUS E A MONTANHEIRADA BRAVIA—O QUE FAZIAM OS SANTOS E O QUE IA FAZENDO O MADAMISMO—BALANDRAUS CELESTES E MACHACAZES DEVOTOS—O PLUMITIVO E OS SANTINHOS—DE COMO SE EVITAVAM MAÇADAS—OSSANTINHOS PERANTE A LEI—A SUA «PASSEATA-ABUSO»—CONSELHOS AOS DITOS E VARIAS CONSIDERAÇÕES—A VIDA MUNDANA E A VIDA CELESTE—FLIRTS CAIXEIRAES E BAILARICOS—SANTO IVO, D. MARIA MAGDALENA E O SR. SÃO PEDRO—CHUVA IRONICA—O MADAMISMO, AS CRENÇAS ESFARRAPADAS E A BURRINHA DE NOSSA SENHORA—ETC, ETC, ETC.

Já lá vae a Pas choa!

Passou o periodo das desarriscas, do incenso, das barrigadas de amendoas e da decilitragem de agua benta!

E passou monotonamente, inspidamente, como de resto soem passar, nesta cidade da Virgem todas as coisas por mais interessantes que sejam.

E eu não sei de coisa mais interessante do que era noutro tempo —o anno passado, ainda,—esse officioso periodo devoto, chamado quaresma, sobre o qual a miséria dos Fados acaba de deixar cahir a grande borrão vermelho da Democracia!

Que pena!

E' todo um mundo de mysticismo que se afunda, toda uma serie de curiosas visualidades que desaparece!

Adeus procissões, as tão faladas procissões de Faro, celebres até lá nos confins dos Zulus, e que tinham o poder de arrancar lá das brenhas toda a montanheirada bravia, arremecendo a, faminta de curiosidade e de sensações novas, sobre a capital do districto em cujas ruas havia encontrão de crear bicho!

Lá que o espectáculo era interessante e tinha certos resaios de um pittoresco inedito, é inegavel!

Iniciava-se a veneranda patuscada pelas procissões e, enquanto o madamismo regorgitava em casa das modistas, entre velludos e setins os santos lavavam a cara...

Lavavam a cara, faziam a barba, envergavam os melhores balandras do guarda roupa celeste, mat davam engraxar o seu melhor calçado e, aos hombros de uma multidão de devotos machacazes, giravam por essas ruas, como qualquer de nós em nossa casa.

Era um bem? Era um mal?

Sei lá!

A mim não me incomodavam. Para não estar com maçadas de cumprimentos,—que eu conheço os a todos de gingeira—tratava de flunar sempre bem longe delles e, se por acaso, ao passarem pela minha rua, me topassem em casa tinha adoptado a precaução de prevenir desta sorte a creada:

—Bonificia, se vier por ahi algum santinho, diz-lhe que eu sahi agora mesmo...

E assim me livre sempre delles, evitando-os sem ostentação nem ferocidade mas se os encontrava na rua, elles me viam e eu adivinhava nelles o intuito delicado de me comprimentarem, tirava urbanamente o meu chapéo e dizia-lhes cá de longe: «Meu caro amigo!... Vivemos por isso sempre na melhor das harmonias e sem que mutuamente nos maçassemos.

Mas se o caso era para mim indifferente, o mesmo não succedia para com muita gente boa.

Além de que, perante a lei, perante os venerandos codices das posturas municipaes e fazendarias, esta passeata annual dos inoffensivos santinhos, era, no final de contas um abuso, que convinha reprimir.

Um abuso, um grande, um tremendo abuso, sim senhor!—Perdôa a phrase, Padre Eterno amigo!

Sabe toda a gente que vivemos num tempo em que tudo custa da nheiro, desde o ar que se respira até ao chão em que se poisam as extremidades; sabe toda a gente que os municipalissimos cidadãos da vereação cidadina tratam de es-

tudar a melhor forma de arrancar a pelle' ao contribuinte indigena, deixando-lhe apenas o osso descarnado para a Fazenda roer; não havia, por isso, ocasião mais azada para cortar cercê a mystica trama.

Sim! Não era justo que em tal época se consentisse que individuos privilegiados, que não pagam real de contribuição, que vivem em casas magnificas, amplas e saudáveis e que estão acostumados a olhares, sobranceiramente, do alto dos seus poleiros reluzentes, continuas sem a passear por essas ruas como qualquer de nós cuja apreciavel qualidade de cidadão é, anno a anno authenticada, ali, á bocca do cofre, na recebedoria comarcã!

Um tal estado de coisas não podia nem devia continuar. Seria um escândalo!

Não discuto, não quero mesmo saber se os santos eram bons rapazes e se as santinhas não eram, como em geral o fêmeão cidadão — frágeis creaturas, dadas ao pagodismo dos bailaricos indigenas e aos *flirts*... caixeiras, o que desejo accentuar, para que conste, é que, numa época de igualdade, e especialmente num momento historico em que tudo se paga, desde o ar que se respira até ao chão onde se poisam as extremidades, não era justo consentir-se que creaturas aliás muito respeitáveis, nos viessem fazer concorrência, difficultando, pejando o transitio nas ruas, sem pagar real.

Santo Ivo e D. Maria Magdalena querem dar o seu passeio pela cidade, visitar o sr. São Pedro e tomar o chá das cinco com a Senhora da Encarnação?

Está muito bem, é justo, estão no seu direito mas... paguem.

Requeiram as suas inscripções na respectiva matriz e... metam dinheiro na bolsa, ou antes, tirem dinheiro da bolsa e façam o que faz muita gente boa, desejosa de valorisar honradamente o seu titulo de cidadão: — pagar as contribuições.

Além de que, attendendo ao estado de consternação em que devem encontrar-se, é bem melhor que os santinhos não saiam das suas venerandas baiucas.

Não se resiste impunemente ao caruncho dos annos, é bem certo e os santinhos tem agora um tal mau parecer que ainda mais realça a sua anormalidade anatomica.

Para que hão de arrastar em publico, os preciosos farrapos da sua belleza decadente? Não vale a pena! A roupa suja lava-se em casa e, a fallar a verdade, toda essa cohorte de Santos que em longa bicha serpeava pela cidade, em certos dias, longe de inspirar respeito dava vontade de rir e servia, quanto muito, para alimentar a intrigalhada surda do madamismo indigena, que incapaz de confeccionar fatinhos para as creanças es-

farrapadas se enretem a fazer flores para adornar a burrinha de Nossa Senhora...

Mas... esta vae longa e o tempo é dinheiro!

Au revoir!

Saude e bichas.

Senanpidio

## Cura de Primavera

As Pilulas Pink constituem a melhor cura de Primavera e são o mais poderoso remedio contra a anemia. Compra hoje mesmo algumas caixas de Pilulas Pink e comece com este benéfico tratamento ou faze-o começar ás pessoas que vos rodeiam e cuja saude deixa a desejar. As Pilulas Pink dão sangue, forças, despertam o appetite e proporcionam excellentes digestões. Estimulam todos os órgãos e activam, por conseguinte, a eliminação dos venenos accumulados no nosso corpo durante a estação invemosa. São soberanas contra a anemia, a chlorose, as doenças de estomago, as affecções nervosas, as dores rheumaticas.

## Pilulas Pink

Estão á venda em todas as farmacias pelo preço de 500 réis a caixa, 4800 réis as 6 caixas. Depósito geral: J. B. Bastos & C., Pharmacia e Drogeria Peninsular, rua Augusta, 39 a 45, Lisboa. — Sub-Agentes no Porto: Antonio Rodrigues da Costa & C., 102, Largo de S. Domingos, 103.

A companhia dos caminhos de ferro portuguezes vem de submeter á saucção da direcção fiscal da exploração de caminhos de ferro uma nova tarifa, destinada a preencher uma lacuna que ha muito se fazia sentir no trafego, entre o sul e o norte do paiz, estabelecendo preços convidativos por tonelada e por series, no transporte de diversas mercadorias, por wagons completos, das estações de Setúbal, Portimão, Faro, Olhão e Villa Real de Santo Antonio, para a de Vianna do Castello. As mercadorias mencionadas na nova tarifa são as seguintes: oleo de palma, vinho, arroz, cereaes, cimento, conservas alimenticias, sal, madeiras, serraduras e fructas secas.

Além dos preços reduzidos, a nova tarifa estabelece o retorno á procedencia de todas as taras vazias, mediante o simples pagamento de 60 réis por cada tara, sendo 20 réis para cada uma das administrações ferroviarias que entram nesta combinação, e são além da Companhia Portuguesa, Sul e Sueste e Minho e Douro.

constipada, num estado de alma um tanto amargurado, tira dos papéis espalhados a seu lado uma carta trajada de negro, cuja leitura parece impressional-a.

Um creado annunciando:—O sr. Pralin!

Correcto, o busto moldado num *paletot* sombrio, Daniel Pralin inclina-se deante de M.<sup>me</sup> de Greuze e poisa ligeiramente os labios na pequenina mão que ella lhe estende.

Pralin—Está triste?

Arlette, o olhar humido,—Infinitamente.

Pralin, compadecido,—As recordações do passado?

Arlette—Sim, a recordação tornada ainda mais pungente por este dia de finados!... Dia tristissimo para aquelles que perderam um ente querido... mas especialmente para mim, visto que faz hoje um anno que... (apertando a mão de Daniel) Quanto lhe agradeço ter vindo!

Pralin—Assim o tinha prometido.

Arlette—E' que não será muito agradável para si a visita que vou impor-lhe, obrigando-o a acompanhar-me ao cemiterio, ao tumulo do meu pobre Edmundo...

Pralin—Não vou lá por causa do

Attingiu o maximo successo o nosso plebiscito, o que é altamente lisongeador para um modesto jornal de provincia.

São inumeras as opiniões que temos recebido nestes ultimos dias.

De todas as localidades do nosso lindo Algarve, desde os grandes centros de população, até aos mais simples logarejos, que a toda a parte *O Herald* chega, impulsionado pela vibratilidade dos seus nervos, nos tem chegado cartas, postaes e até officios, contendo respostas aos quesitos do nosso plebiscito.

São interessantissimas as opiniões pró e contra a apreçoada saia-calção, moda famosa cujas probabilidades de triumpho se vão accentuando dia a dia.

E' grande, confessamos, a phalange feminina que a combate com entranhado odio, mas cumpre tambem accentuar que raras vezes um figurino terá conquistado tantas e tão entusiasticas defensoras como são as desse ultimo modernismo lançado pelas grandes modistas de além Pyreneus.

Na impossibilidade de publicarmos todas as opiniões que nos tem chegado ás mãos, seleccionamos das ultimas recebidas as que se nos afiguram mais interessantes.

Eil-as:

Sr. redactor

Affirmo-lhes que tem sido o assumpto o obrigado de todas as conversações desta populosa villa o gracioso plebiscito do *Herald*.

As opiniões estão muito divididas, mas pouco accentuam-se um pronunciado movimento a favor da saia-calção porque as *«Zambujas»*, as *«Pereiras»*, as *«Salpicadinas»* e outras, surgiram agora feitas grandes damas, prestas a invadir os salões, ellas que nunca deviam passar da cozinha! Se este movimento excessivamente *«democratico»*, que bem pode filiar-se no *«bom paladar»* dos cavalheiros daqui, agora arvoredos em toda a linha, quem sabe se não está um facto, dentro em muito pouco tempo, vrom-se pelas ruas desta villos cortas *«damas»* com a saia-calção?

Lagôa, 16 de Abril de 1911.

Eugenia da Silva Cabrita.

Sr. redactor:

Rospondendo ao seu divertido plebiscito, dir-lhe-hei, com toda a minha franqueza, que me parece que só as sr.<sup>as</sup>, que tiverem o juizo a arder é que adoptarão a tel excentrica moda franceza.

Villa Nova de Portimão, Abril de 1911.

Maria da Graça Coutinho Gloria.

Sr. redactor.

Tive tentações de responder logo ao primeiro numero do *Herald* mas reservei-me para depois de abrirem o fogo es mais denodadas campees da saia-calção.

Agora, porem, que entrei na discussão de uma das minhas mais queridas amigas cujo nome vi assignando uma opinião por signal bem contraria á que lhe suppunha, não resisto a dizer da minha justica:

seu defuncto esposo, que lamento não ter conhecido, mas por si.

Arlette—Obrigada! Necessito tanto hoje de sentir junto a mim uma effeição dedicada! (outro tom) Trouxe a corça?

Pralin—Deixeia-a na carruagem: rosas chá e violetas como recommendou.

Arlette—Quanto lhe agradeço o seu cuidado!

Pralin—O prazer é todo meu!...

Arlette, (*fazendo-o sentar*)—Conversemos alguns minutos. Sinto-me tão perturbada só com o pensamento de ir ao cemiterio esta tarde!... Parece-me que vou sentir a mesma commoção do anno passado.

Pralin, (*olhando as cartas espalhadas sobre a mesa*)—Leu, naturalmente, qualquer coisa que lhe avivasse as recordações.

Arlette—E' verdade. Esta carta que escrevi em 3 de novembro a minha irmã.

Pralin—Se não sou indiscreto...

Arlette—De modo nenhum. Leia, leia, trata-se tambem de si.

Pralin, ( *lendo*)—«...E' realmente forçoso que haja um Deus para nos impôr a existencia, porque não comprehendendo como consegui honter sobreviver ao pezar que me alanceou. Desde a morte do meu adorado Edmundo, depois de uma

## ACTUALIDADES

# A SAIA-CALÇÃO

### O plebiscito d'O HERALDO

Com que... saia calção? Não! Não lhes devamos dar, aos homens, esse ridiculo spectaculo! A saia, eternamente a sua.

Nada de confusões, fiquemos no nosso logar e saibamos occupa-lo sem transigencias indesculpabilis. Que não possa haver equívocos.

Que os homens se vistam de mulheres, se quizerem. Veja-se a miseravel figura que para ali faz esse transformista cada vez que pretende aproveitar as rotundidades para fazer de bailarina... oh!

Tavira, 22-4-1911.

A. C.

Ex.<sup>mo</sup> redactor.

Muito bom! Felicito-o pela sua ideia de colher opiniões relativas á saia-calção, moda insrosantissima e pratica que só poderá desagradar ás avós e aos espiritos retrogradados.

Aqui, sob a frescura dos castanheiros e o dolente murmúrio dos regatos, creio bem que não se accentuára muito uma tal moda, mas é crível que as senhoras de Monchique, que vivem na capital, nos dêem a civilisadora surpresa de regressarem ás suas casas solarengas trajando a saia-calção.

Monchique, 20 de Abril de 1911.

Francisca Baiona.

Lagos 14 de Abril de 1911.

Cidadão redactor:

Eu, que diariamente vejo passar sob a minha janella o garboso balalhão de voluntarios, desta cidade, não podia de forma alguma subtrahir-me á fascinante influencia da famosa saia-calção, visto que me preso de ser patriota e que não é politico o meu patriotismo.

Sou de parecer que todas as senhoras ainda jovens devem, desde já, adoptar um tão interessante costume que é, a meu ver, um agigantado passo para a conquista das reivindicaciones feminisias.

Saude e fraternidade.

Emilia Severino.

Ex.<sup>mo</sup> redactor:

A saia-calção! Que horroroso desperatel! Acaso já algum pensou no delestavel aspecto que, em plena vigencia do uma tal moda, offereceriam os salões de bom tom?

Entendo que deve ser combatido um tal modernismo excentrico, pela simples razão de que é muito feio ver dançar um par de cavalheiros.

Ora as senhoras de calças deixariam de ser senhoras...

Praia da Rocha.

Suzanna Lopes Russa.

Terminando, por hoje, cumprenos agradecer a todas as senhoras a deferencia das suas respostas e aguardármos confiados e com a mais justificada curiosidade, todas as opiniões com que nos queiram honrar as nossas gentis leitoras.

Flaminio.

### João Correia d'Oliveira

Foi nomeado contador do juizo das execuções fiscaes do 4.<sup>o</sup> bairro de Lisboa o nosso estimado amigo e brilhante collaborador do *Herald*, sr. João Corrêa d'Oliveira, actualmente redactor das *Novidades*.

Enviamos-lhe um abraço de parabens.

## Durante a semana

### Projecto d'Incendio

N'um dos primeiros dias da semana, ahi pela tarde, correu n'estas ruas mais proximas que n'um dos fornos da rua 1.<sup>o</sup> de Maio se dera um principio de incendio. Ainda passaram eshavoridos, a toda a pressa, alguns bombeiros da Associação de Salvação Publica mas, felizmente, o caso não teve maior importância, ficando por uns molhos de estevas chamuscadas.

### O caso das luzes

A Camara Municipal tem nos empregados assalariados a quem paga semanalmente para que tratem do jardim publico e accendam os candieiros da illuminação. Ao chegar a Semana Santa, na quinta ou sexta feira os empregados allegaram que não tinham por costume trabalhar n'esse dia, recusando-se a fazer outro trabalho que não fosse o da illuminação que era indispensavel. A camara não attendeu a reclamação e intimou os a trabalhar como de costume, sob pena de lhes *deitar abaixo* a feria da semana.

E os homensinhos lá foram ao trabalho.

Ao chegar do sabbado, tendo recebido a feria que estivera em perigo, despediram-se do serviço e alicando com um desdem que devia ser soberanissimo, as escadas das luzes á porta da Camara, foram-se na paz do Senhor.

Foi melhor assim do que terem-se lembrado d'alguma greve geral. Ao menos é correcto.

O serviço d'illuminação depois d'algumas deficiencias nas primeiras noites entrará pouco a pouco na regularidade se o caso não tiver... regularendencia.

### Boatos e Borborinhos

Na quarta á noite circularam varios boatos de sahida de uma força regimental do quartel, o que dito sem mais explicações excitou a curiosidade de muita gente que logo, como de costume, deu logar ás mais desasizados commentarios.

Fora o caso que, no Cano, tinham dado noticia da celebre Cabeça, um dos ornamentos da tão fallada familia cujos membros mais importantes foram ba tempo para a Penitencia.

E como, ao que se diz, ella está implicada n'um dos roubos ultimamente feitos na cidade, procuraram capturar a. D'aqui, um borborinho enorme, boatos, correrias, gente embuçada, buscas ás casas e até ao que parece chegaram a requisitar para o quartel duas forças de infantaria 4 que fizeram varias excursões.

E no fim, já tudo apaziguado em vão se procurava por onde se teria raspado a Cabeça...

Ora ahi está como se faz a bistoria.

carruagem ou até a minha casa.. Estava tão profundamente perturbada, tinha tanto receio que as forças de novo me faltassem antes de entrar em casa, que accetei um auxilio offerecido nas formulas do mais discreto interesse e da mais irreprehensivel correcção!

Arlette (interrompendo-o)—Sem esse cavalheiro, que era o sr., estaria talvez morta!... Salvou-me duplamente, primeiro nesse dia triste, depois vindo visitar-me nos dias seguintes, minorando com uma tão affectuosa dedicação a minha dor e ajudando-me a resignar!... (limpando os olhos) Foi assim, pouco a pouco, que me habituei de novo á vida!

Pralin—Quer provar-me o seu reconhecimento?

Arlette (sorrindo) Por certo.

Pralin—Então não esteja triste.

Arlette—E' o anniversario, a carta, as recordações, tudo!... Tem razão (em lagrimas) Infelizmente de nada serve estar triste!... Partamos! Vamos já.

Pralin—Como queira. (Contemplando Arlette que se levantou para pôr o chapéu.) E' muito lindo o seu vestido! Fica-lhe admiravelmente!

Arlette—(sem ter posto ainda o chapéu). Falla serio? Gosto tanto de vestidos de côr... oh! de côr,

## FOLHETIM D'O HERALDO

### A INCONSOLAVEL

(De Michel Provins)

ARLETTE DE GREUZE.—Vinte e oito annos, loira e pallida, olhos bandados de luz, delicioso, fragil e modernissimo arlgo de Paris.

DANIEL PRALIN.—O bello Danistl—Trinta e dois annos, forte, saude de anglo saxonio, distincção de raça e de espirito.

No salão pequenino, onde os stores semi descidos deixam a custo penetrar a luz cinzenta de novembro, M.<sup>me</sup> de Greuze, em frente de um grande espelho antigo, verifica, pela ultima vez, a impeccabilidade da sua toilette; vestido *tailleur aux nuances héliotrope*, trahindo um discreto lucto aliviado.

Sobre uma banquinha, junto do espelho, um lindo chapéu modelo *«capote petit chagrin»* para visitas ao cemiterio—espera ser collocado nas ondas cendradas da graciosa cabeça.

Já prompta, faltando-lhe apenas pôr o chapéu, Arlette senta-se num divan.

Ligeiramente friorenta, um pouco

ACTUALIDADES

A SAIA-CALÇÃO

O plebiscito do HERALDO

Com a publicação das cartas que hoje damos á estampa, encerra-se o nosso plebiscito acerca da famigerada jupe-culotte, plebiscito cujo exito brilhantissimo excedeu toda a nossa expectativa.

Consignando um facto de que muito nos orgulhamos e que justamente nos incita a novos empreendimentos no genero desta secção especial, dedicada ás nossas gentis leitoras, cumpre-nos agradecer-lhes a maneira captivante como souberam corresponder ao convite do Herald.

O escrupuloso apuramento do nosso plebiscito permite-nos afirmar que as damas algarvias não usaram a jupe culotte.

Venceu o espirito de conservantismo por uma grande maioria de votos, como pode verificar-se pela estatística que fecha este artigo.

Houve é certo entusiasticas defensoras da saia calção mas a essas constituindo uma pequena minoria, coube a mais desalentadora das derrotas.

Saudando vencedoras e vencidas, O Herald agradece-lhes a amabilidade das respostas que lhe foram enviadas e que não pouco concorreram para ajudal-o a vencer as enormissimas difficuldades de um plebiscito d'esta importancia.

Eis algumas das ultimas cartas que recebemos e que traduzem bem o entusiasmo que na linda hoste das nossas leitoras despertou o nosso plebiscito:

Cidadão redactor:

Viva a saia-calção! O «Herald» merece os mais calorosos applausos pelo seu interessante questionario. Como estou certa do triumpho da «saia-calção» e para que alguma coisa não resulte do louvavel empreendimento do seu jornal, proponho o seguinte: 1.º que do resultado do plebiscito do «Herald» rigorosamente verificado, se lavre uma acta autenticada com as assignaturas não só do director e redactores do jornal, mas tambem de todas as auctoridades, militares, civis e religiosas. 2.º Que essa acta seja apresentada ás proximas consiliinthes com o pedido para que seja concedida o voto á mulher portuguesa e decretado o «uso obrigatorio» da elegantissima jupe-culotte

Movimento Cooperativista no Algarve

Tem tido um extraordinario desenvolvimento a sociedade cooperativa que ha quatro para cinco annos se fundou em Villa Real de Santo Antonio e que, mercê de uma administração rigorosamente cuidada e honesta, é hoje o primeiro estabelecimento do genero n'esta provincia. Agora foi distribuido pelos socios o relatório da gerencia de 1910 que, no resumo do seu numerario, é a eloquente demonstração do notavel florescimento da sociedade, util sob todos os pontos de vista.

E' significativo, por exemplo, este pequeno trecho arrancado ao referido relatório:

«Em 31 de dezembro de 1910,—quatro annos decorridos de vida da cooperativa n'um meio hostil e des-cuidado como o nosso,—havia pelo balanço exacto:

Em fazendas geraes existêntes: 5:022\$520 réis.

Em valor de instalação: 312\$900 réis.

Dinheiro em cofre: 2:669\$394 rs.

O fundo de reserva subia á quantia de 341\$679 réis e o capital disponível, representado pelo valor de 1:063 accções attingia soma de réis, 5:345\$000.

Feitas as contas de final de anno tendes pois um lucro de 1:598\$659 réis.

A illustre assemblea, ora presente, manifestar-se ha sobre a forma por que administrámos os haveres da Sociedade.

Permita-nos agora a direcção de 1909, que, no seu relatório, vinha cantando glorias,—que levantemos o

para todas as senhoras que exerçam empregos publicos.

Saude e fraternidade Loulé, Abril de 1911

Constantina V. Faisca

Sr. redactor

Sou excessivamente nervosa. Qualquer coisa, por insignificante que seja, me perturba e prejudica.

O plebiscito do Herald sobre a horrorosa moda da «saia-calção», tem-me feito um grande mal aos nervos.

Hontem, veja lá até sonhei que via todas as jovens senhoras desta linda aldeia, umas de «saia-calção», outras de calças como usam os homens acompanhando uma procissão.

Não reparei se tambem lá ia o sr. Bernardo de Passos, mas desperlei resolvida a distr-lhe, sr. redactor, que teve uma idea muito infeliz com o seu plebiscito.

S. Braz d'Alportel, 28-4-1911.

Benita Viegas.

Ex.º redactor:

Quando osta receber creio bem que já estará convencido de que a desagradada «jupe-culotte» desagradou, cabindo em toda a linha.

Ainda assim, se carecer de mais nm voto para reproval-a, conte com o meu.

Faro, Abril de 1911.

Germana Villaboim.

Para maior elucidação do assumpto damos em seguida a estatística do plebiscito.

Table with 2 columns: Description and Count. Rows include: Cartas, officios e postaes contendo respostas (107), Votos contra (61), Votos a favor (14), Faziam espirito do caso, produzindo argumentos despropozitados (32), Total (107/107).

Além destas recebemos muitas cartas que não figuram nesta estatística.

São as escriptas por alguns cavalheiros que em travesti de dama quizeram dar tambem o seu parecer, mas a nossa policia descobriu a tempo a graciosa fraude de que nos queriam fazer victimas.

Pois o caso é tanto mais para admirar quando é certo que alguns enviaram-nos respostas em que, a par de finissimas criticas, se tornava notavel uma lettrinha muito miuda.

Flaminio

«guante» que altiva atirou, como tendo batido «record» da inscripção de socios:

Em 1909 inscreveram-se, socios: 45! e o capital elevou-se á respeitavel cifra de 2:365\$000!

Diremos apenas que inscrevemos 65 socios e o capital accionario subiu a 5:315\$000 réis.

Isto é: quasi triplicou. Sem lançarmos cartel de desafio que a nossa modestia não permite, não deixamos contudo, repletos de justa vaidade, de agradecer aos nossos consocios a grata prova de confiança. A affluencia de socios novos e a entrada de novos capitaes, que receiosos jaziam em reconditos pés de meia, explicam bem pelos creditos de que usufrue a cooperativa e pela fama da sua honesta administração.

Temos a nossa Sociedade desempenhando dois utilissimos papeis no nosso meio social: o de cooperativa e o de caixa economica. Os novos estatutos permitindo ampliação do capital de cada um, a intransigencia das formulas seguidas, e os devidendos de cada anno, sempre crescentes, arautos do florescimento do Grupo Economico, forçosamente atrairiam ao cofre comum as economias dispersas em arcas de menos solidez e nulamente rendosas. A cooperativa pois, como mãe cuidadosa, alimenta sãdamente os seus filhos e enriquece-os. De forma alguma se lhe pode negar o importante papel social que desempenha na nossa terra.

Em todo o relatório, que é um trabalho perfeito quer pela documentação exacta e clara de toda a vida da cooperativa, quer pelos intuitos socialistas que transparecem, presente-se bem o pulso que tem timonado aquella magnifica obra que é—não temos duvida nenhuma

em affirmal-o—á mais florescente a aproveitavel tentativa socialista da nossa provincia.

O sr. Amílcar Duque, habilissimo guarda-livros da casa Fialho, de Faro, tomou a louvavel iniciativa de fundar naquella cidade uma Cooperativa Familiar, destinada a adquirir, em primeira mão, os generos alimenticios de mais urgente necessidade.

Sendo a «Economia a base da Prosperidade, conhecida a maxima a união faz a força e attendendo mais á carestia de vida que actualmente se nota em Faro, é sob todos os pontos digna dos maiores encomios a iniciativa do sr. Duque. Estamos certos que a verá coroada pelo melhor exito.

Sabemos que grande o numero de chefes de familia que tencionam aproveitar ás vantagens, que, segundo uma circular profusamente distribuida, podem resumir-se no seguinte:

—Eliminação consideravel do imposto de consumo local, distribuido por uma forma equitativa. —Garantia absoluta de qualidade.

—Uniformidade rigorosa de preços e sua maior reduccão.

—Escrupulosa seriedade nos raticos das despesas, em face dos respectivos documentos e sua immediata fiscalisação.

—Diminuto empate de capital, facilmente realisavel em caso de desistencia ou de dissolução.

A organisação da nova cooperativa será precedida pela formação de um grupo experimental, tendente a assegurar aos comparticipantes as vantagens que vão auferir. Felicitamos o iniciador.

POR ESSE ALGARVE...

Faro

Vae ser installada nas salas do edificio municipal, occupadas pelo Museu archeologico Infante D. Henrique, a conservatoria do registo civil. Uma commissão composta pelos srs. Ezequiel Pereira, dr. Guerra Leal e Lyster Franco, presidiu á installação provisoria do referido museu que ficou occupando só uma das antigas salas.

Parece que, por proposta da mesma commissão, o Museu Archeologico será muito em breve installado convenientemente e ordenadas e dispostas todas as suas secções pelos catalogos e apontamentos colligidos pelo falecido benemerito monsenhor Botto.

—Consta que a vereação municipal tencionia concluir o salão nohre do seu edificio, que está em osso desde a primitiva.

E' louvavel. A mesma vereação requereu ao governo a cendencia do antigo lyceu affirm de nelle serem installadas as escolas parochias.

—O director e professores da Escola Industrial Pedro Nunes conferenciaram demoradamente com o chefe do districto á cerca da projectada mudança d'aquella estabelecimento de ensino, que actualmente funciona n'uma casa particular exigua, escura e sob todos os pontos de vista impropria para a sua grande frequencia.

Lagos

Nas povoações ruraes d'este concelho tem apparecido muitos cães atacados de hydrophobia, sendo mordido por um, em Bensafim, Luiz Fava, que seguiu para Lisboa a fim de receber o devido tratamento.

—N'uma propriedade proximo da ermida de Santo Amaro, pertencente á sr.ª D. Maria Manuela Rocha, appareceram cortadas 12 amendoeiras, carregadas de fructo.

Villa Real

Encontraram-se aqui na terça feira; conferenciando sobre motivos politicos, os srs. dr. Antonio Gil, advogado em Faro e Joaquim Celorico da Palma, proprietario no Alemtejo e influente eleitoral em Alcoutim.

—Partiu para Lisboa na segunda feira o estudante sr. Jacintho Dias Cordeiro.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

Segunda, 1.—D. Angelina Philomena Peres Cruz Barata, Arthur Neves Raphael, Joaquim José de Carvalho e Costa, Philippe Pedro Pacheco e a menina Maria do Carmo Teixeira Tello.

Terça, 2.—Antonio da Cruz Balté.

Quarta, 3.—D. Isabel Maria Judice Aboim, D. Ismenia Coldeira Arango, D. Semy Cagi Ruah, Alfredo Henrique Tavares Horta.

Sexta, 5.—D. Emma Xavier Ferreira, D. Maria Alexandrina Agnas Guimarães, Antonio Teixeira de Souza, José Selesio Padinha.

Sabbado, 6.—D. Maria da Conceição Santos Solesio

Regressou a Setubal o sr. José Francisco Rodrigues Mil-homens.

Partiu na segunda-feira para a sua propriedade de Montes Velhos, no Alemtejo, o sr. Derrado Falcão.

Por um lapso de revisão deixámos de incluir os nomes de «mademoiselles» D. Maria Cansado e D. Dúnia Lopes, na assistencia da rouaão familiar do domingo de Paschoa no Club-Farense.

Assistencia elegante no «Tonnis», na quarta-feira ultima:

D. Maria Guedes Madureira, D. Maria Agnas, D. Hilda Campos.

«Mademoiselles» Herminia Guedes, Gloria Nciya, Alda Neves, Thereza Agnas, Maria Agnas.

«Bebés» Rogerio Cansado e José Pacheco.

No sabbado: D. Maria Simões Pires de Azevedo, D. Maria Augusta M. Guedes, D. Sebastiana Arango Ribeiro, D. Maria Agnas, D. Sebastiana Cansado, D. Maria Ferreira e D. Hilda Cansado.

«Mademoiselles» Marinho, Herminia Fontoura Guedes, Flavia Neiva, Maria Cansado, Gloria Nciya, Thereza Agnas, Maria João Ribeiro, Maria Agnas, Maria do Lourdes Coutinhoas.

Com sua esposa partiu na quinta-feira para a sua propriedade de Sant'Anna de Cambas, onde tencionava demorar-se algum tempo, o sr. dr. Julio Emygdio Coelho de Lima, advogado em Villa Real.

De regresso de Sevilha esteve em Villa Real do visita a seu irmão o sr. Lorjô Tavares, jornalista, que regressou a Lisboa na quarta-feira. Ia acompanhado de sua esposa.

Regressou de Lisboa a Villa Real na quinta-feira o sr. Francisco Gomes Sanches.

Esteve alguns dias em Faro o sr. Antonio do Carmo Tortado, escriptão de lacerda em Odemira, que hontem regressou ao seu concelho.

Regressou de Lisboa a Valença, com sua esposa, o sr. Matheus Marques Teixeira d'Azevedo, recbedor n'aquelle concelho.

De visita a suas tias esteve em Silves o general reformado sr. Joaquim Rodrigues Agnas.

Chegou na quarta-feira a esta cidade o sr. Antonio Dias Mello, luncionario das obras publicas em Mossamedes.

Acompanhada por seu pae, o tenente sr. Francisco d'Assis Chrispim, retirou para Lisboa, affirm de regressar ao Instituto Torre Espada, «mademoiselle» Maria Alzira Luna Roy Cid Chrispim.

No dia 22 do corrente realisou-se em Faro o registo civil do nascimento do dois filhos do sr. Antonio Pereira Marques, testemunhando o acto o nosso collega Lyster-Franco e esposa e Ezequiel Pereira.

As creanças ficaram inscriptas respectivamente sob os nomes de Francisca e Clemente.

Partiu hoje para Lisboa o sr. Joaquim Baptista Falleiro, aspirante de alfandega que foi mandado fazer serviço n'aquella capital.

Tem estado bastante doente o sr. Antonio Joaquim Peres, abastado proprietario.

Na quarta feira regressaram de Ayamonte o sr. Manoel Solesio Proustroller e esposa.

Regressaram de Lisboa os srs. Vicente e Victorino Magalhães.

Partiu para Thomar o sargento Constantino de Carvalho.

AVISO

São avisadas todas as pessoas que fossem devedoras ao commerciante d'esta praça—agora fallido—José Soares Mansinho, por dividas do estabelecimento ou outras, de que só devem pagar os seus debitos ao administrador da massa fallida abaixo assignado, é de que esse pagamento deverá ser feito até ao dia 20 de maio proximo, pois passado esse praso serão executados, pelo que consta da escripturação respectiva.

Tavira, 29 d'abril de 1911.

33 Eduardo Aurelio Parreira Faria. 25

Creanças enfezadas



Ha muito quem imagine que as Pilulas Pink são boas exclusivamente para a gente grande; ora, isto é um engano muito grave. As creanças enfezadas, de compleição fraca, ou que soffrem bastante por causa da crecencia, podem, a partir da idade de cinco annos, tirar grande proveito do tratamento das Pilulas Pink; que lhes favorecerão o desenvolvimento, lhes darão sangue rico e puro e forças, pondo assim esses pequeninos entes ao abrigo de numerosas doenças epidemicas: sarampo, escarlatina, febre typhoide, influenza. As creanças que apanhárao qualquer d'estas ruins doenças, são sem duvida aquellas que no actual momento se encontram abatidas, tristes, que parecem não ter sangue, que estão pallidas e anemicas. Accudi-lhes enquanto é tempo, porque podeis pô-las ao abrigo das doenças epidemicas, porque podeis salvá-las.

PILULAS PINK

As Pilulas Pink estão á venda em todas as farmacias pelo preço de 800 réis a caixa, 4\$400 reis as 6 caixas. Depósito geral: J. P. Bastos & C.ª Pharmacia e Drograria Peninsular, rua Augusta 39 a 45, Lisboa.—Sub-Agencias no Porto: Antonio Rodrigues da Costa & C.ª. 102. Largo de S. Domingos, 103.

Regimento d'infanteria n. 4 AVISO

Não podendo ter logar no dia 4 do proximo mez de maio, como estava annunciada a arrematação em hasta publica para o funcionamento de medicamentos ás praças em tratamento no hospital militar, desta cidade, por ser esse dia considerado feriado no mesmo regimento, em virtude de se solemnizar o centenario da fundação do regimento, e ratificação do juramento aos recrutas, se faz publico que a mesma arrematação tem logar no dia 5 de maio.

Quartel em Tavira 28 de abril de 1911.

O secret.º do conselho adm.º Desiderio Venancio Peres. tenente 51

AVISO

IMPORTANTE

A. Maria Francisca Pereira e mais modistas. Serão no proximo numero declaradas as importancias dos seus debitos ao estabelecimento de José Viegas Mansinho. 52

VENDE-SE

Vende-se ou aluga-se uma casa na Travessa da Fonte (em frente da Igreja da Mesericordia) com os n.ºs 19, 21, 23, e 25 de policia, constante de 6 compartimentos nos altos, varanda, quintal e 2 baixos. Quem pretender, dirija-se ao seu proprietario, n'esta cidade. 50

COMPANHIA DE SEGUROS FOMENTO AGRICOLA

Realiza seguros terrestres de predios, estabelecimentos, mobílias, roupa, vidros etc.

Seguros maritimos e postaes. Seguros de cearas, fenos, machinas e alfaias agricolas.

Tem um capital de 600 contos e tem pago de simistros 170 contos em quinze annos.

Agente em Tavira, João Gomes Bandeira.